

FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM PORTUGUÊS. OS SUFIXÓIDES E A VULGARIZAÇÃO DOS FORMANTES ERUDITOS

Céu Caetano
Departamento de Estudos Linguísticos
UNL – F.C.S.H.

Resumo

Os sufixóides e a vulgarização dos formantes eruditos são aspectos da criação lexical ainda pouco conhecidos mas que representam uma área dinâmica da evolução do português moderno.

Através da análise destes elementos e das construções em que participam, torna-se evidente que o estatuto a atribuir-lhes é problemático e que os mesmos colocam em causa algumas definições até aqui aceites.

0. Os elementos que são objecto desta análise morfológica¹ foram extraídos de um corpus de neologismos² o qual abarca o período que vai desde 1981 a 1993. A sua constituição obedeceu a uma escolha metodológica, e mesmo estratégica, mais do que teórica.

Os recursos informáticos de que dispunha (cf. Caetano Mocho, 1990) permitiram-me extrair os derivados, efectuando a pesquisa através das terminações das unidades (cf. Caetano Mocho, 1993).

Elaborei listas dos derivados por ordem alfabética e por ordem hierárquica (frequência crescente ou decrescente) e obtive, ainda, concordâncias, i.e., listas de vocábulos ordenados alfabeticamente, de um texto ou de um conjunto de textos, com os contextos que os precediam e que se lhes seguiam.

Considero que a recolha de novas palavras tem valor, na medida em que elas são o testemunho da vitalidade e da criatividade lexical de que uma língua pode dar prova, em qualquer época da sua existência. Esta recolha implica, por um lado, a delimitação do período em que as mesmas surgem e, por outro, a fixação de critérios que permitam determinar o que é um neologismo.

O conceito de neologismo é muito difícil de definir, essencialmente por duas razões: para que um vocábulo seja considerado neologismo é necessário que a maioria dos falantes "sinta" essa novidade. Ora, é muito complexo determinar, por um lado, qual é essa maioria de falantes e, por outro, aquilo que se "sente" como novidade.

Tal como o define Guilbert (1975: 58), o neologismo é o "resultado de um processo de formação de novas unidades lexicais ou da atribuição de uma nova significação a uma unidade lexical já existente. Por neologismo pode entender-se ainda a unidade lexical que, proveniente de uma língua estrangeira, é adoptada por outra língua". Guilbert distingue, assim, três tipos de neologismos: neologismo morfológico, neologismo semântico e empréstimo.

Apesar de todas as unidades que apresento se inserirem no primeiro tipo de neologismos, tentarei, de uma forma sucinta, delimitar genericamente o conceito de neologismo.

É a partir do momento em que o neologismo se generaliza e é utilizado por um certo número de interlocutores que o mesmo passa a ter realmente existência. Mas, como aponta Guilbert (1975: 53), é a inserção no dicionário que efectua a triagem entre os neologismos de "parole" e os neologismos de "langue". Isto significa que o neologismo é um processo em dois tempos: o da criação individual e o da difusão social, sendo muito difícil prever, no momento em que surge, se o neologismo irá generalizar-se ou não. Para Picoche (1977: 125), é o uso "qui donne durée et vie aux créations lexicales". A passagem do neologismo de "fala" a neologismo de "língua" e, por conseguinte, do vocabulário ao léxico, implica que tenhamos em linha de conta que o falante é possuidor de um vocabulário passivo³. Com efeito, muitos neologismos são compreendidos, são descodificados, sem nunca serem empregues pelo falante. Quase invariavelmente, quando o neologismo surge pela primeira vez é assinalado pelas aspas. Por aquilo que pude observar no meu *corpus*, a partir do momento em que o neologismo se estende à comunidade as aspas deixam de ser utilizadas. É como se já

não fosse preciso avisar que se trata de uma palavra nova. Daí que tenha datado o desaparecimento das aspas, de modo a calcular, de forma aproximada, o tempo que decorria entre o aparecimento e a lexicalização de determinada palavra.

Como já foi referido, geralmente, um vocábulo deixa de ser neologismo a partir da altura em que se dá a sua inclusão no dicionário. Contudo, este é um critério parcialmente objectivo: o dicionário fixa determinada unidade e os falantes têm tendência para aceitarem como norma aquilo que está registado nas obras lexicográficas, mas os dicionários não são, forçosamente, um reflexo fiel do uso. "O dicionário não pode, com efeito, escapar à arbitrariedade (...), os critérios que permitem reter um neologismo como consagrado em língua não são evidentes"⁴. Por isso, acho mais correcto dizer que um neologismo deixa de o ser quando o seu uso se expande à comunidade de falantes e é empregue com uma certa frequência, ou seja, quando tem um uso constante e aparece em contextos diversificados.

Devemos considerar como neologismo o vocábulo que deu entrada na língua no decorrer de um período recente e que ainda não está dicionarizado. Nesta medida, excluimos os falsos neologismos, ou seja, as palavras que ainda não deram entrada no dicionário e que, todavia, são largamente usadas pela generalidade dos falantes.

1. A problemática dos sufixóides ou pseudo-sufixos

No português contemporâneo, o recurso a dois nomes para formar uma unidade composta é bastante frequente e, aparentemente, não existe nenhuma razão válida para afirmar que certas unidades formadas por um nome ao qual se segue imediatamente outro nome não sejam compostos.

Tentarei, contudo, demonstrar que os segundos elementos das unidades que apresento neste ponto possuem algumas especificidades próprias dos sufixos e daí a designação que lhes atribuo.

As unidades que escolhi formadas por Nome + Nome apresentam como segundos elementos -BASE, -CHAVE, -PILOTO e -PIRATA⁵. Assim, temos:

(i) *construção-base, ferramenta-base, ideia-base, lei-base, preço-base e sistema-base;*

(ii) *adjectivo-chave, assunto-chave, discurso-chave, elemento-chave, épocas-chave, expressão-chave, função-chave, homem-chave, matérias-chave, mercados mundiais-chave, momentos-chave, palavra(s)-chave, papel-chave, peça(s)-chave, postos-chave, problema-chave, sector-chave e tecnologia-chave;*

(iii) *emissão-piloto, ensaio-piloto, escola-piloto, experiência-piloto, frequência-piloto, instalação-piloto, operação-piloto, projecto-piloto, proposta-piloto e zonas-piloto;*

(iv) *cassette pirata, discografia pirata, diskette pirata, documentos pirata, ex-disc-jockey pirata, programa pirata, programador pirata e video pirata.*

Para Cunha e Cintra (1984: 106), "A composição (...) consiste em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma ideia única e autónoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes". Segundo os mesmos autores (1984: 107), "Quanto ao sentido, distingue-se numa palavra composta o elemento determinado, que contém a ideia geral, do determinante, que encerra a noção particular. (...) Nos compostos tipicamente portugueses, o determinado em regra precede o determinante. Assim, em *escola-modelo*, o termo *escola* é o determinado, e *modelo* o determinante. Deste modo, há uma prioridade do primeiro nome – o que contém a ideia geral – sobre o segundo e a significação do composto não é muitas vezes igual à soma da significação do primeiro elemento mais a significação do segundo elemento".

Em Mateus et alii. (1990: 479), a noção de composição é mais precisa e abrangente: a composição "consiste na concatenação de duas ou mais palavras e/ou radicais (...), os constituintes [dos compostos] não funcionam como elementos independentes relativamente a processos sintácticos". Mais adiante (1990: 486), acrescenta-se que "Os compostos constituídos por dois nomes podem ser analisados de duas formas diferentes: pode tratar-se de um SN formado por um núcleo e um modificador nominal [o exemplo ilustrativo é *navio-escola*], ou pode tratar-se de um SN que coordena dois SNs [exemplo: *tenente coronel*]. Estas duas estruturas justificam que a flexão plural opere de duas formas diferentes [*navios-escola; tenentes-coronéis*] " (ibidem, pág. 487).

Villalva (1994:379) considera que *bomba-relógio* e *peixe-espada*, unidades formadas por Nome + Nome, são compostos sintáticos em que "é possível identificar um núcleo à esquerda (respectivamente *bomba*, *peixe*, ...) e um modificador à direita (respectivamente, *relógio*, *espada*, ...)", justificando que este tipo de estruturas "não são estruturas morfológicas formadas por adjunção à direita, tal como as estruturas de sufixação avaliativa" porque "o modificador não é, neste caso, um sufixo, mas sim uma variável lexical. A distinção é relevante porque, sendo o sufixo uma constante registada no léxico como um modificador, a sua presença na estrutura não pode gerar ambiguidade: um sufixo avaliativo nunca pode ser núcleo da estrutura que o integra".

Quando comecei a observar este tipo de unidades, senti, intuitivamente, que existia uma diferença entre elas e os outros tipos de compostos. Verifiquei, numa primeira fase, se ambos os nomes que constituem a unidade obedeciam às normas que regem os nomes (flexão de género e de número) e, posteriormente, apliquei alguns testes que normalmente são utilizados para determinar os compostos.

Dois dos aspectos que mais facilmente sobressaem ao determos sobre estas unidades são, por um lado, o facto de cada um dos elementos conservar as suas características morfo-fonológicas e, por outro, a observação de que o segundo elemento não apresenta flexão de plural (veja-se, por exemplo, *palavras-chave*, *zonas piloto* e *documentos pirata*). Segundo Mateus et alii. (1983: 273) "[a flexão] dos nomes e adjectivos compostos, está sujeita às seguintes regras gerais: 1) se a palavra é constituída por dois nomes ou por um nome e um adjectivo ambos os elementos flexionam (ex: couves flores, amores-perfeitos) (...)".

A primeira questão que se me colocou foi se o segundo elemento seria um nome ou não e se o os dois elementos reunidos constituíam um composto.

Se adoptasse a definição de composto como a unidade resultante da junção de dois ou mais radicais e/ou palavras semanticamente distintas que dão origem a uma unidade com uma significação autónoma, isto é, que não é igual à soma dos dois (ou mais) elementos constituintes, as unidades que listei em (i)-(iv) seriam compostos?

Seguidamente, debrucei-me sobre a autonomia ou dependência dos dois nomes que formam a unidade. Entre o primeiro e o segundo nome é possível a inserção de um adjectivo (por exemplo: *mercados*

mundiais-chave) mas, quando isso acontece, o segundo nome refere-se ao conjunto formado pelo primeiro nome + adjetivo. O segundo nome, segundo supomos, não admite um adjetivo depois de si (ex: **mercado-chave mundial*). Deste modo, deduzi que uma das características do segundo nome era a sua natureza adjectival, a sua função seria a de qualificar aquilo que a base designa. Mas, enquanto os adjectivos qualificativos, em muitos casos, ocorrem precedidos de um advérbio de intensidade, tal não acontece com o segundo elemento das unidades que fazem parte do meu *corpus* (por exemplo: **disquete completamente pirata*; **escola pouco piloto*, etc.).

Outra interrogação que fiz foi sobre a possibilidade de o segundo nome poder ser considerado um sufixo.

Como sabemos, tradicionalmente, o sufixo é um morfema preso e ocorre sempre à direita da base a que se junta. Nas unidades que tenho vindo a analisar o segundo nome, à semelhança do que se passa com os sufixos, ocupa sempre a mesma posição. Tal como não é aceite a sequência **istasoar(es)*, também não é possível obtermos **piloto-escola*. Contudo, *BASE*, *CHAVE*, *PILOTO* e *PIRATA* têm existência autónoma na língua. Mas, enquanto vocábulos autónomos possuem uma determinada significação e quando se associam aos primeiros nomes a sua significação surge metaforizada. *CHAVE* deixa de designar o instrumento e *PILOTO* e *PIRATA* não pressupõem o traço [+ Humano].

BASE confere ao nome a que se junta a significação de algo que é fundamental, que serve de ponto de partida e que está na origem de;

CHAVE pospõe-se, quer a nomes com o traço de [- animado] (ex: *assunto-chave*), indicando que os mesmos têm uma importância decisiva, quer a nomes com o traço de [+ animado] (ex: *homem-chave*), para designar aqueles que ocupam um lugar ou que exercem uma função importante;

PILOTO junta-se ao nome que o precede, atribuindo-lhe as seguintes significações: ① que pode servir de exemplo, de modelo (ex: *escola-piloto*); ② que abre a via, que dá início a (ex: *emissão-piloto*);

PIRATA justapõe-se a nomes, explicitando o carácter clandestino, ilegal e ilícito dos mesmos (ex: *diskette pirata*).

Depois do que expus, proponho para os elementos acima referidos a denominação de sufixóides porque estes elementos:

- ocupam a mesma posição que os sufixos;
- tal como os sufixos, obedecem a uma ordem fixa, i.e., ocupam sempre a posição de modificador e nunca a de núcleo;
- possuem uma função semelhante à dos sufixos adjectivais;
- ao justaporem-se aos nomes que os antecedem, assiste-se a uma redução dos seus conteúdos semânticos; não transmitem todos os seus semas às bases, mas somente os que são resultantes de um processo metafórico, originando, deste modo, uma alteração da interpretação semântica da base;
- estabelecem uma relação significativa constante com as respectivas bases, ou seja, constituem um paradigma;
- aparentemente, respeitam a Hipótese de Unicidade da Base, juntam-se sempre a bases nominais.

2. Vulgarização dos formantes "eruditos"

Por formantes eruditos entende-se geralmente os elementos gregos e latinos que entram na formação de palavras.

De acordo com Bauer (1983: 216), é mais correcto designar estes formantes de neo-clássicos, designação que também adopto, pois, segundo justificação do autor, a combinação de *tele* e de *fone*, dois elementos gregos, só foi possível a partir do momento em que se inventou um novo objecto que era necessário nomear.

Darmesteter (1877: 238) inclui os elementos eruditos na composição mas aponta já a possibilidade de alguns deles exercerem uma função sufixal, ao afirmar que "certains mots remplissent le rôle de suffixes communs à divers radicaux."

Para Guilbert (1971b: 47), a etapa mais importante "de la néologie de forme gréco-latine est celle de sa mutation en néologie intégrée à notre système lexical." Também este autor, ao definir a composição (1971: ix) como "l'agglutination plus ou moins étroite d'éléments lexicaux qui peuvent avoir une autonomie en tant que termes lexicaux", realça que "les éléments d'origine grecque ou latine échappent à cette classification".

Na mesma linha de pensamento, Carvalho (1984: 524), afirma que: "Há ainda uma longa série de significantes de origem culta, constituída historicamente por latinismos ou grecismos, mas em grande parte

generalizados na língua comum, que apresentam como segundo termo formas tais como (...) -(ó)filo e -(ó)fobo (anglófilo e anglófobo); etc. Quanto a estes é muito duvidoso que para o falante comum (na medida em que os conhece, e conhece-os em larga medida) constituam palavras compostas, sendo mais provável que os analise (intuitivamente) como palavras derivadas por sufixação."

Em Cunha e Cintra (1984: 109-113) estes elementos, a que os autores conferem a designação de radicais, são incluídos na "Formação de Palavras por Composição".

Mateus et alii. (1990: 432) chamam-lhes radicais neo-clássicos porque, por um lado, podem associar-se entre si e, por outro, a ordem que ocupam na estrutura da palavra é variável, o "que não acontece com os prefixos nem com os sufixos, e impede igualmente a sua classificação como primeiro ou segundo elemento de compostos".

Em Villalva (1994:344-345), estes constituintes recebem a designação de radicais e, por sua vez, as formas geradas pela junção destes radicais são designadas compostos morfológicos.

Para Villalva (1994:346), "os compostos morfológicos são estruturas resultantes de um processo de concatenação de radicais simples [ex.: *raticida*] ou complexos [ex.: luso-brasileiro], autonomamente existentes na língua, ou não, por intermédio de uma vogal de ligação".

Independentemente da sua denominação, o que me ocupa neste ponto é a vulgarização⁶ destes elementos, isto é, a sua extensão ao vocabulário da língua corrente e o facto de se juntarem a bases que não são eruditas e às quais conferem, na maioria dos casos, uma conotação irónica. Tratarei unicamente os elementos que surgem em posição sufixal, se bem que a posição que ocupam na estrutura da palavra possa ser variável.

A Morfologia tem dado pouca atenção à formação de palavras em que o processo em causa ocorre e o levantamento que realizei não foi tão exaustivo quanto gostaria. Todavia, exemplificarei este aspecto da formação de palavras, recorrendo a alguns elementos de origem grega: CRACIA ("força"), FILO ("amigo"), LOGIA ("estudo"), LOGO ("o especialista em", "o estudioso de"), e MANIA ("loucura", "(mau) hábito", "excesso", "abuso", "obsessão").

As unidades em cuja formação os elementos supra indicados ocorrem são:

- (v) *partidocracia, politocracia;*
- (vi) *americanófilo, bedéfilo;*
- (vii) *kremlinologia, sebertologia;*
- (viii) *cegetepólogo, comunicólogo, kremlinólogos, politicólogo(s), ugetólogos;*
- (ix) *docemania, Beatlemania, faxmania, Freitasmania, Futromania, gorbymania⁷ Hermanias, Karpomanias, Marcelomanias.*

Nos exemplos apresentados, todos os formantes ocupam a posição à direita da base a que se juntam, mas, como já tive oportunidade de referir, essa posição não é fixa. Temos, por exemplo, *filosofia* e *americanófilo* e, noutras unidades (não contempladas na nossa listagem), o formante pode ocupar a posição inicial, medial ou final (exs: *cronómetro, des~~c~~ronologização* e *assíncrono*).

A flexibilidade em termos da posição que ocupam na estrutura interna da palavra é, aliás, um dos principais critérios que fazem com que não possamos incluí-los na categoria dos afixos.

Outro aspecto a realçar é a possibilidade que estes formantes têm de se combinarem entre si, o que não acontece com os prefixos e os sufixos derivacionais (exs: *tele + fone > telefone*; **des- + -iza(r) + -ção + eucalipto > *desizaçãoeucalipto*). Com isto, quero dizer que, e baseando-me ainda no paralelo que estou a estabelecer com os afixos derivacionais, os formantes neo-clássicos não pressupõem a existência de uma base pertencente a uma das categorias lexicais maiores à qual se juntam. Ora, este segundo aspecto coloca em causa a tese defendida por Aronoff (1976: 21), para quem "A new word is formed by applying a regular rule to a single already existing word. Both the new word and the existing one are members of major lexical categories".

Considero estes elementos como sendo formantes morfossemânticos⁸, pois, nem se inserem na categoria dos afixos⁹ nem na dos radicais. Para que pudéssemos considerar estes formantes como radicais, teríamos de arranjar uma etiqueta semântica para designar os radicais que, nalguns casos, se juntam a outros radicais que possuem as mesmas características morfológicas e semânticas.

Devo ainda registar que algumas unidades formadas pela junção de -MANIA escapam a uma das características apontadas por Villalva (1994: 369), segundo a qual "a presença da vogal de ligação é obrigatória nos compostos morfológicos do Português".

Concluindo, podemos afirmar que:

- Os formantes neo-clássicos alargaram o seu emprego a novas zonas do léxico; deixaram de participar unicamente na formação de vocábulos eruditos, passando a juntar-se a nomes da língua corrente (nomes comuns e nomes próprios), a que, na maior parte das vezes, conferem uma carga satírica, e até mesmo a siglas (cf. *bedéfilo* – de BD: Banda Desenhada; *cegetepólogo* – CGTP: Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses e *ugetólogo* – UGT: União Geral dos Trabalhadores).

- Ao nível da Formação de Palavras os formantes neo-clássicos e os sufixóides devem ser estudados de uma forma mais rigorosa e sistemática, realçando as suas afinidades e as características que os diferenciam dos afixos derivacionais propriamente ditos, visto que eles são bastante produtivos sincronicamente.

- O papel da morfologia afigura-se primordial no estudo da neologia, pois é através da caracterização das bases e dos formantes que podemos extrair as regularidades e as excepções da formação de palavras, contribuindo para uma melhor descrição do português.

Notas

¹ Cf. Caetano Mocho (1994, cap. V).

² A recolha que fiz foi efectuada em duas etapas: num primeiro momento, extraí as unidades a partir da Base de Dados de Neologismos (Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Grupo de Lexicologia e Lexicografia) e, em segundo lugar, extraí as unidades pertencentes ao corpus constituído por mim própria (corpus textual composto por exemplares do *Expresso* – primeiro número de cada trimestre, dos anos atrás referidos).

³ Picoche (1977: 46) distingue as "mots actifs", aquelas que um indivíduo conhece bem e que utiliza espontaneamente para comunicar com os outros indivíduos, das "mots passifs", as que não são utilizadas por um indivíduo mas que ele compreende de forma mais ou menos precisa.

⁴ Dubois (1978: 187).

⁵ Muitas outras, do mesmo tipo, haveria para tratar (por exemplo:

-charme, -modelo, -relâmpago, -tipo, etc.) e a razão pela qual escolhemos as primeiras deve-se simplesmente ao facto de serem estas as que maior número de ocorrências registam.

⁶ Segundo Lino (1989), vulgarização é um "Termo que surge associado a discurso (por exemplo, "discursocientífico de vulgarização"). Este termo pode ainda remeter para reformulações (de conceitos e de noções) e traduções de um nível para outro. Numa outra acepção, define-se como um fenómeno neológico (...) e consiste na passagem de um termo científico para o vocabulário da língua corrente (...)".

⁷ gorby é o diminutivo de Gorbathchev.

⁸ Cf. Quemada, G. (1983: 512-513) e Kocourek (1982: 94).

⁹ No *Dicionário da Língua Portuguesa* (1994: 833, 1119, 1152), -filo, -logia, -logo e -mania aparecem classificados como sufixos nominais.

Referências

- ARONOFF, M. (1976) – *Word Formation in Generative Grammar*, Linguistic Inquiry, Cambridge, MA, MIT Press.
- BAUER, L. (1983) – *English Word-Formation*, Cambridge: Cambridge University Press.
- CAETANO MOCHO, M^a C. – (1990) – "Tratamento automático da derivação sufixal: considerações morfológicas e semânticas, *Actas do Colóquio de Lexicologia e Lexicografia*, Lisboa, pp. 100 -104.
- CAETANO MOCHO, M^a C. – (1993) – "Base de Données Textuelles PORTEXT: processus de néologie formelle de la langue courante en portugais ", *Actas do Colóquio sobre a PORTEXT*, Universidade de Nice.
- CAETANO MOCHO, M^a C. – (1994) – *A Derivação Sufixal no Português Contemporâneo. Análise de alguns sufixos mais produtivos*, Lisboa, FCSH, Dissertação de Mestrado.
- CARVALHO, H. (1973) – *Teoria da Linguagem*, Coimbra, Coimbra Editora, vol. II, 1^a ed., (1984), 4^a ed.
- CUNHA, C. e CINTRA, L.F.L. (1984) – *Nova gramática do português contemporâneo*, Lisboa, Edições Sá da Costa.
- DARMESTER, A. (1877) – *De la création actuelle de mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent*, Paris, Vieweg.
- Dicionário da Língua Portuguesa*, (1994), Porto, Porto Editora, 7.^a ed..
- GUILBERT, L. (1971) – "Préface", *Grand Larousse de la Langue Française*, Paris, Larousse.
- GUILBERT, L. (1971b) – "La néologie scientifique et technique", *Banque des Mots* 1, Paris, Cifl.

- GUILBERT, L. (1975) – *La créativité lexicale*, Paris, Larousse.
- KOCOUREK, R. (1982) – *La langue française de la technique et de la science*, Paris, La Documentation Française.
- LINO, M^a T. R. F. (1989) – " Língua Portuguesa, língua das ciências e das técnicas. Neologia científica e técnica e lexicografia", *Actas do Congresso Internacional "A Língua Portuguesa: Que futuro?"*, Lisboa, Sociedade de Língua Portuguesa.
- MATEUS, M. H. M. et alii. (1983) – *Gramática da língua portuguesa*, Coimbra, Livraria Almedina.
- MATEUS, M. H. M. et alii. (1990) – *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.
- PICOCHÉ, J. (1977) – *Précis de lexicologie française*, Paris, Nathan.
- QUEMADA, G. (1983) – *Dictionnaire de termes nouveaux des sciences et des techniques*, Paris, CILF.
- SCALISE, S.. (1986) – *Generative morphology*, Dordrecht, Foris, 2^a ed..
- VILLALVA, A. (1994) – *Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português*, Tese de Doutoramento, Lisboa, FLL.